

when recorded, to gather fresh value as each year goes by. We are here given several of those undecipherable Iberian inscriptions. One that frequently occurs on coins, between two horizontal fishes, and usually accompanied by the head of Hercules, Dr. Leite de Vasconcellos, reading from right to left, interprets as «Eviom», the final, or initial, letter representing a half-moon. If archaeologists could agree upon the interpretation, it might prove a sure beginning in the important task of reading this mysterious alphabet; but, unfortunately, they can only agree to differ. The value of this work is increased by over three hundred illustrations, including photographs and drawings by the author and others. It is curious to see that in a wood-carving by an Alentejan shepherd dated 1891 (Volume II., Figure 136A) the figures of men and animals, in their vivid simplicity and clever rendering of swift motion, resemble those of the primitive drawings in Spanish caves.

AUBREY F. G. BELL.

(De *The Times Literary Supplement*, de 3 de Novembro de 1927).

Aushwahl altportugiesischer Lieder, von S. PELLEGRINI. Halle/Saale 1928. Max Nimeyer.

Mais do que entre nós — é triste dizê-lo — a nossa primitiva poesia tem sido objecto de estudo para os estrangeiros. Os nomes de Lord Stuart, Bellermann, Wolf, Lopes de Moura, Varnhagen, Diez, Lang e sobretudo Monaci, a quem devemos poder conhecer a sua maior e melhor parte, serão sempre lembrados por quantos d'ela se ocuparem. Estrangeira foi também, pelo nascimento, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que lhe dedicou quasi toda a sua laboriosa vida, deixando-nos o estudo mais completo que sobre tal assunto se há publicado. Outro erudito estrangeiro, o D.^{or} S. Pellegrini, acaba de dar a lume um livrinho, destinado aos estudantes alemães, no qual insere várias cantigas que lhes permitem fazer juízo da sua natureza e forma, reunindo aí, não só as de assunto profano, as chamadas de *amor* e *d'amigo*, mas também sacro, sem esquecer as satiricas ou de *escárneo* e *mal dizer*. Ao mesmo tempo, para de certo modo fazer conhecer

as duas correntes, literária e popular, que nelas se observa, deu amostras de uma e outra.

O autor fez preceder a sua pequena antologia de uma breve definição daquelas três espécies de cantigas e noticia dos códices em que se encontram essas e as de feição religiosa, da autoria de Afonso X; dá também esclarecimentos muito resumidos dos trovadores que entram na sua colecção. Para formar esta recorreu às edições críticas já publicadas, que igualmente seguiu, apenas uma que outra vez corrigindo as respectivas lições; uma só, a n.º XXIII, creio ser restauração sua, pois não me consta tenha sido publicada.

É digna de aplauso a colecção feita pelo D.^{or} Pellegrini, pois dá ideia da poesia do tempo e dos assuntos que esta versava; para a sua compreensão juntou-lhe um pequeno glossário de nomes comuns e próprios.

Neste trabalho mostra-se o autor em plena posse do assunto que versa, como aliás já o comprovara noutro estudo, publicado antes sob o título *Don Denis*, o que todavia não quer dizer que aqui e ali se não encontrem alguns deslises os quais nem todos lhe devemos atribuir, porquanto essas veem já nas obras de que se serviu, outros são devidos à sua qualidade de estrangeiro, a quem naturalmente escapam certas especialidades de pronúncia. Apontarei alguns, começando pela ortografia. Em harmonia com o processo adoptado por D. Carolina Michaëlis e observado nos apógrafos italianos, o D.^{or} Pellegrini transcreve os pronomes pessoais da 1.^a e 2.^a pessoas do plural por *nus vus* ou *nos vos*, conforme são átonos ou tónicos, todavia nem sempre adoptou essa transcrição, o que poderá confundir o leitor estrangeiro. Assim em IV, 7 deixou passar o *vós* da edição de Lang por *vos*. Também me parece que seria preferível em III, 1, 16 e 17 grafar *ũa* e não *unha*, que poderá induzir em erro a quem a ler, julgando haver aqui um *n* molhado, quando o *n* serve de nasalizar a vogal precedente e o *h* de separar os sons intermédios; se nos apógrafos aparece por vezes esta grafia, ainda hoje usada por escritores galegos, encontra-se lá também *ũa*. Há também que fazer-se a distinção entre a preposição e verbo, acentuando neste último caso, o que falta em I, 21 ⁽¹⁾, II, 11, III, 8.

As correcções feitas pelo D.^{or} Pellegrini nem todas me

(¹) Há aqui um *a* a mais.

satisfazem. Assim: em IV, 17, VI, 8, acho escusada a substituição do *que* do texto por *quem*, pois aquela forma tinha por vezes também o valor desta, como se pode ver no *Glossário*, que acompanha a minha edição das *Cantigas d'amigo* s. v. *que*; também em V, 3, etc., eu teria conservado o *que* do original, fazendo-se a contracção do *e* com o *a* seguinte, ficará o verso com uma sílaba a menos do que lhe corresponde, o 5.º. As correcções, feitas em VIII, 9, 10 e XXI, 18 às leituras de D. Carolina Michaëlis, parecem-me judiciosas, como também concordo com a que em XL, 19 faz à minha, mas em XXIV, 3, 11, 17 entendo que se devem manter os textos respectivos, que dizem, *é ora entrant'a guerra* (que, de certo por simetria com as restantes estrofes, substituiu por *é por non entrar na guerra*), *con nos* e *ric'omen*, porquanto no 1.º caso temos o particípio do presente, que a antiga língua usava muitas vezes em vez do gerúndio que o substituiu; no 2.º é também vulgar em textos arcaicos e ainda na fala actual do povo a troca por *n* (assimilação) do *l* do artigo; n.º 3 a vogal nasal não impedia a contracção com a imediata. Em XXV, 9 a *benparecer*, de que me não lembro ter encontrado exemplo, deverá talvez preferir-se *bon-parecer*, que, entre outros, encontra-se nos por mim apontados no citado *Glossário*. Em XXVI, 2, não vejo que o sentido exija substituir *mi* por *m'i*. Em XXVIII, 46 deverá ler-se *loaron* e não *loraron*, pois tal verbo é desconhecido dos textos antigos. Em XXXIV, 14, há de substituir-se por *veesse* a forma *viesse*, que escapou à revisão das *Cantigas d'amigo*. Nesta edição havia eu interpretado o *uerey* dos textos por *verê i*, agora, porém, acho que se deverá corrigir em *ve[e]rei*, que além de ser a forma mais frequente, satisfaz à medida do verso, em XXXVI, 5. Em XXXIX, 5. para haver concordância no refram, deverá substituir-se *mi* por *min* ou vice-versa nos versos 11 e 17. Em XLII, 10 o paralelismo exige que, a fazer-se a paragoge em *remar*, a mesma se faça também nos versos correspondentes. Em XLIV, 14 e 18, o *meu* dos textos não se me afigura dar sentido, por isso o substitui por *um*. Em XLV, 17 e 23, a rima exige *liara* (como aliás se lê nos textos) e *asperara*. Afigura-se-me que pelo mesmo motivo em XXXIII, 10, 20 se deverá preferir *coitada e ferida*. O D.ºr Pellegrini seguiu, creio, a minha lição de que agora discordo neste ponto, tanto mais que nos apógrafos apenas a 1.ª estrofe tem no seu final só as palavras *comestou* e estas mesmas com as que se lhes seguem faltam nas outras.

Em II, 17, para que o sentido fique claro, terá, a meu ver, de substituir-se por *non* o *nẽ* dos apógrafos. No v. 14 eu corrigiria em *eno* a forma *e-no*, dada por Lang. No n.º XXIII o mesmo snr. dá-nos uma cantiga de escárneo e mal dizer de Afonso X, que nos apógrafos se encontra bastante deturpada. Na restituição que dela se propôs fazer revela não só engenho mas conhecimento da antiga língua galego-português, todavia, a-pesar-de todos os seus esforços e perícia, parece-me que nos não deu uma lição perfeitamente inteligível. Nos versos 9, 39 e 47 acho que se deverá manter a lição original, que diz respectivamente *mi alongue, ao que* (do C. B.) e *ei a provar*. Em vista da corrupção do texto original, que torna quasi impossível a sua interpretação, eu teria preferido a esta outra das muitas e variadas cantigas, melhor conservadas. Do mesmo modo procederia relativamente às n.ºs VII e VIII, das quais as respectivas estrofes, última e primeira, são, ao menos para mim, aquela obscura, esta de restauração problemática, embora a proposta pelo D.º Pellegrini satisfaça à rima e mesmo ao sentido.

No *Glossário* deverão omitir-se as observações *heute cabello, donzella, perguntar*, que não condizem com a verdade, pois a grafia actual é a mesma que a antiga. A *enxerdado* dá D. Carolina Michaëlis o sentido *dedeserdado, expatriado* (cf. *Glos. do Canc. d'Ajuda*). A *estrado* dou a interpretação que tem Moraes (8.ª edição), isto é, «sobrado de madeira largo e raso, pouco erguido do chão» e a respeito do qual observa que «sôbre êle se sentavam antigamente as mulheres a coser e lavrar», a mesma dá, no lugar indicado, a citada senhora, que, a pág. 339 do C. A. traduz por *Empore*. Em vez de *per* eu leio *per'*, isto é, *pera*, que é a prep. pedida pelo verbo *chegar-se*. Em *ponçon* vejo eu antes o sentido do *picadela* do que o de *veneno*, que ainda hoje se diz *peçonha* (por *poçonha*) e assenta, como o espanhol *ponzoña* sôbre **potionea*, isto é, um adjectivo tirado de *potio*, que deu *poção*, sinónimo de *bebida*, e o arcaico *poçon* de sentido idêntico ao actual *peçonha*. A forma em uso hoje e correspondente à antiga *säär* é *sarar*; existe, é facto, *sanar*, mas como literária; cf. arc. *meor, meos*, hoje *menor, menos*. Em *querer*, omitiu-se o fut. *querrei*. Aí, como em *seer*, deve substituir-se *alguua* por *alguma*. A *sarrar* acho que se deve dar a interpretação de *fechar*. (No lugar apontado refere-se a uma cicatriz); no ptg. antigo era freqüente tal forma, que hoje se escreve *cerrar*.

Faltou incluir a prep. *tras* (em I, 21, *trá-lo*) com o sentido de *afora, excepto*. A *veesse* junte-se XXXIV, 14, pois a grafia *viesses*, hoje a usada, é devida a lapso de revisão, segundo já ficou dito.

Como se vê, são pequenos os senões que acabo de apontar no livrinho do D.^{or} Pellegrini e de forma alguma lhe tiram o merecimento. A mim, na qualidade de português, só me cabe o dever de agradecer ao autor o interesse que toma pelas nossas letras e o seu empenho em fazer conhecida da mocidade alemã a beleza que, junta à simplicidade, encerram tantas trovas, cantadas outrora nos paços régios com aprazimento de quantos as escutavam, como desabafo dos sentimentos ternos que se albergavam nos peitos de cantores e ouvintes. Prova ainda do affecto que, o mesmo erudito dedica à antiga poesia trovadoresca é um artigo que publicou no *Archivum Romanicum* (vol. XII, n.º 3, 1923) acêrca dos *lais* portugueses que se encontram no códice vaticano n.º 7182. Aí dá o seu autor uma transcrição diplomática das cinco composições que, sob os mesmos nomes, se encontram no C. B., hoje na posse da Biblioteca Nacional de Lisboa, logo em seguida a Poética fragmentária, da qual se vê não haver divergência sensível entre umas e outras. Da existência à parte dêstes cinco *lais* conclui o D.^{or} Pellegrini que «existiu seguramente, na primeira metade do séc. XVI, e verisimilmente na Itália, um cancionero galego-português de proporções imprecisáveis, distinto de cada um dos presentemente possuídos e conhecidos e distinto todavia, embora proveniente de um mesmo arquétipo, daqueles dois donde derivam respectivamente os cancioneros da Vaticana e Colocci-Brancuti; dêsse cancionero A. Colocci fez tirar, num modo ou noutro, a cópia (completa, se aquele cancionero se limitava apenas aos *lais*, parcial no caso inverso) que nos é transmitida pelo códice vaticano n.º 7182.

J. J. NUNES.

Antroponímia Portuguesa por J. LEITE DE VASCONCELLOS:
publicada pela Imprensa Nacional de Lisboa, 1927, 1 vol.
de xx-660 paginas.

1

Trata comparativamente da origem, significação, classificação e vida do conjunto dos nossos nomes próprios, so-